

"... FINALE – ADAGIO LAMENTOSO

- Não olhes para baixo, camarada

E o mar, sempre o mar, estende as longas crinas
de cavalo azul nas paredes de pedra

- Pai, há uma corda a baloiçar na parede do forte...

Em todas as casas há um coração suspenso
e um lugar vazio à mesa

- Isso, conta os nós... tu sabes a conta certa

Não olhes para baixo

- Pai, o homem pôs o carro a trabalhar...

Os gritos das gaivotas cobrem com um véu de tule
os ruídos dos ossos contra as pedras

É a natureza do lado certo

- Pai, outro homem... e outro... e outro...

É o medo contaminado pela esperança

e a espada líquida da noite virada de feição

- Pai, ajuda-me... não entendo, não entendo...

- É a hora das gaivotas, meu amor!"

EXCERTO DO POEMA "A HORA DAS GAIVOTAS" DE JOÃO MONGE



FUGA COLETIVA DO FORTE DE PENICHE

3 DE JANEIRO DE 1960

FUGA COLETIVA DA CADEIA DO FORTE DE PENICHE // 3 DE JANEIRO DE 1960 //

A 3 de janeiro de 1960 teve lugar a mais célebre fuga da Cadeia do Forte de Peniche. Nesta fuga coletiva participaram dez presos, destacados dirigentes e membros do Partido Comunista Português (PCP): Álvaro Cunhal, líder histórico deste partido, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime dos Santos Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro dos Santos Soares e Rogério Rodrigues de Carvalho.

A Cadeia do Forte de Peniche, com a sua requalificação segundo um modelo prisional norte-americano, tinha-se tornado no final da década de 50 na cadeia de mais alta segurança do regime e sobre a qual a PIDE exercia uma ação permanente. Os presos passavam vinte horas por dia completamente isolados uns dos outros e estavam sob apertada vigilância nos curtos momentos de vida em comum.

A fuga de 3 de Janeiro de 1960 exigiu longa preparação, um elevado espírito de organização, persistência, serenidade e rigorosa disciplina na execução dos trabalhos preparatórios, bem como uma elevada coragem e audácia, para vencer os riscos que comportava o longo trajeto a percorrer das celas até à muralha exterior e o ultrapassar das altas muralhas.

Esta fuga contou com a colaboração de José Alves, Cabo da GNR, do corpo de segurança externo às instalações prisionais. Fator igualmente decisivo para o êxito da fuga, expressão dos sentimentos antifascistas do povo, foi o silêncio colaborante dos populares que se deram conta da sua realização.

A fuga de 3 de Janeiro representou um duro golpe para o regime fascista e seu aparelho repressivo e uma importante vitória para o PCP e para a resistência antifascista.

"... ADAGIO-ALLEGRO NON TROPPO

- Nada me passa na garganta, só um grito mudo...

- A estrada ainda está deserta, nem uma luz...

Mas ele há-de vir!

- Somos 10, estamos contados

- Contemo-nos de novo:

*Álvaro, Jaime, Joaquim, Carlos, Francisco,
José, Guilherme, Pedro, Rogério, Francisco.*

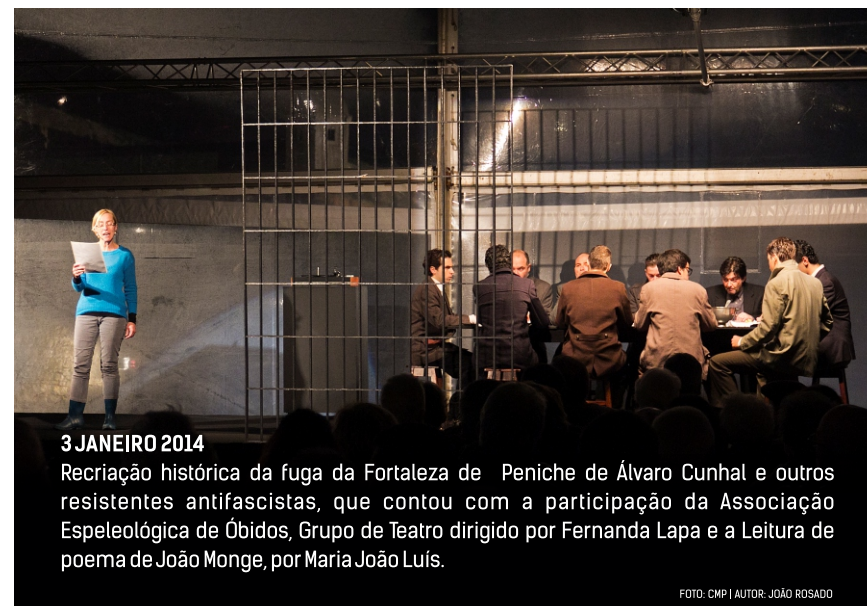
E eu, e tu, e quem atrás de nós vier

E todos os que hão-de nascer

Com uma còdea no céu-da-boca

É por isso que o mar espalha a sua toalha bordada
na praia, aos nossos pés
para, da sua eterna sabedoria,
nos preñar com a nossa igualdade "

EXCERTO DO POEMA "A HORA DAS GAIVOTAS" DE JOÃO MONGE



3 JANEIRO 2014

Recriação histórica da fuga da Fortaleza de Peniche de Álvaro Cunhal e outros resistentes antifascistas, que contou com a participação da Associação Espeleológica de Óbidos, Grupo de Teatro dirigido por Fernanda Lapa e a Leitura de poema de João Monge, por Maria João Luís.

FOTO: CMP | AUTOR: JOÃO ROSADO